

Rubem Alves



OSTRA FELIZ NÃO FAZ PÉROLA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

PAIDÓS



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Rubem Alves

OSTRA FELIZ NÃO FAZ PÉROLA

3ª edição

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Rubem Alves, 2008, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016, 2021
Todos os direitos reservados

Revisão: Tulio Kawata, Denise Morgado e Carmen T. S. Costa
Projeto gráfico e diagramação: 3Pontos Apoio Editorial Ltda
Capa: Filipa Damiano Pinto | Foresti Design
Ilustração de capa: Rijksmuseum
Ilustrações de miolo: Elivelton Reichert

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alves, Rubem, 1933-2014

Ostra feliz não faz pérola / Rubem Alves. – 3. ed. – São Paulo:
Planeta, 2021.
288 p.

ISBN 978-65-5535-459-1

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

21-2606

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe
Garamond Pro e impresso pela
Gráfica Santa Marta para a Editora
Planeta do Brasil em agosto de 2021.

Sumário

10 Caleidoscópio

76 Amor

88 Beleza

104 Crianças

118 Educação

150 Natureza

160 Política

180 Saúde mental

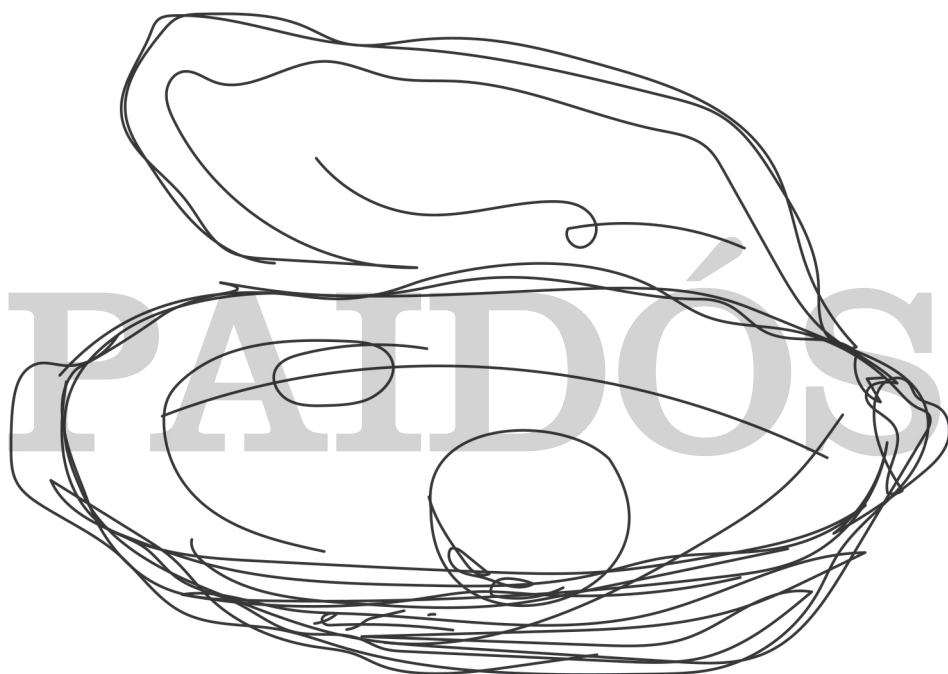
190 Religião

248 Velhice

264 Morte

282 Biografia do autor

**“São os que sofrem que
produzem a beleza, para
parar de sofrer.”**



PAIDÓS Caleidoscópico

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Ostra feliz não faz pérola

Ostras são moluscos, animais sem esqueleto, macias, que representam as delícias dos gastrônomos. Podem ser comidas cruas, com pingos de limão, com arroz, *paellas*, sopas. Sem defesas – são animais mansos –, seriam uma presa fácil dos predadores. Para que isso não acontecesse, a sua sabedoria as ensinou a fazer casas, conchas duras, dentro das quais vivem. Pois havia num fundo de mar uma colônia de ostras, muitas ostras. Eram ostras felizes. Sabia-se que eram ostras felizes porque de dentro de suas conchas saía uma delicada melodia, música aquática, como se fosse um canto gregoriano, todas cantando a mesma música. Com uma exceção: de uma ostra solitária que fazia um solo solitário. Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste. As ostras felizes se riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...”. Não era depressão. Era dor. Pois um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas aspereza, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda. Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o trabalho – por causa da dor que o grão de areia lhe causava. Um dia, passou por ali um pescador com o seu barco. Lançou a rede e toda a colônia de ostras, inclusive a sofredora, foi pescada. O pescador se alegrou, levou-as para casa e sua mulher fez uma deliciosa sopa de ostras. Deliciando-se com as

ostras, de repente seus dentes bateram num objeto duro que estava dentro de uma ostra. Ele o tomou nos dedos e sorriu de felicidade: era uma pérola, uma linda pérola. Apenas a ostra sofredora fizera uma pérola. Ele a tomou e deu-a de presente para a sua esposa.

Isso é verdade para as ostras. E é verdade para os seres humanos. No seu ensaio sobre *O nascimento da tragédia grega a partir do espírito da música*, Nietzsche observou que os gregos, por oposição aos cristãos, levavam a tragédia a sério. Tragédia era tragédia. Não existia para eles, como existia para os cristãos, um céu onde a tragédia seria transformada em comédia. Ele se perguntou então das razões por que os gregos, sendo dominados por esse sentimento trágico da vida, não sucumbiram ao pessimismo. A resposta que encontrou foi a mesma da ostra que faz uma pérola: eles não se entregaram ao pessimismo porque foram capazes de transformar a tragédia em beleza. A beleza não elimina a tragédia, mas a torna suportável. A felicidade é um dom que deve ser simplesmente gozado. Ela se basta. Mas ela não cria. Não produz pérolas. São os que sofrem que produzem a beleza, para parar de sofrer. Esses são os artistas. Beethoven – como é possível que um homem completamente surdo, no fim da vida, tenha produzido uma obra que canta a alegria? Van Gogh, Cecília Meireles, Fernando Pessoa...

Caleidoscópio

O caleidoscópio nasceu na Inglaterra, nos primeiros anos do século passado. Seu inventor foi *Sir* David Brewster. Acho que era um vagabundo porque se fosse ocupado não teria a ideia. O trabalho intenso faz mal à criatividade. Nietzsche, dirigindo-se àqueles para quem a vida é “trabalho furioso”, aqueles para quem “o trabalho furioso é coisa boa, e também tudo o que é rápido, novo e diferente”, conclui: “O fato é que vocês não se suportam. Seu trabalho é fuga, um desejo de se esquecerem de vocês mesmos. Mas vocês não têm conteúdo... nem mesmo para a preguiça”. Deve ter sido num momento de vagabundagem que a ideia do caleidoscópio apareceu na cabeça de *Sir* David Brewster. Como era homem culto e conhecia o grego antigo, uniu as palavras gregas *kalos* (= belo), *eidōs*

(= imagem) e *scopéo* (= vejo). Caleidoscópio quer dizer “vejo belas imagens”. As belas imagens do caleidoscópio se fazem com caquinhos de vidro, cliques, tachinhas, pedrinhas. O mesmo acontece com os artistas. Eles têm a capacidade de produzir o belo com o insignificante. Este livro está cheio de caquinhos que podem, eventualmente, produzir belas imagens.

Albert Camus

... sonhava com o momento em que poderia escrever com liberdade total, na orgia anárquica do corpo: “Quando tudo estiver acabado: escrever sem preocupação de ordem. Tudo o que me passar pela cabeça” (A. Camus, *Primeiros cadernos*, p. 427). Ele não teve essa chance. Morreu antes. Eu estou tendo.

Pregador de vagabundagem

Jovem, quando eu era pastor, era frequente que meus sermões provocassem reações negativas nos conservadores porque eles esperavam que eu falasse sobre a certeza da salvação de suas almas e eu, que nada sabia e ainda nada sei sobre a vida após a morte, falava sobre as coisas da vida. Recebi então um convite para pregar na Igreja Presbiteriana da Lapa, São Paulo. Disse para mim mesmo: “Estou cansado de confusões. Vou pregar um sermão pra ninguém botar defeito. Todos sorrirão. Falarei sobre as crianças...”. Li as palavras de Jesus: “E se vocês não mudarem suas maneiras de sentir e pensar e não se transformarem em crianças, jamais entrarão no Reino dos Céus...”. Aí falei sobre as crianças. Diferentes dos adultos, que vivem para trabalhar, as crianças vivem para brincar. Brincar é o sentido da vida... Esse sermão provocou uma confusão que excedeu todas as outras. Acusaram-me de corruptor da juventude, pregando a vagabundagem. Daí para a frente, em qualquer igreja onde eu fosse pregar, lá estavam os inquisidores com gravadores para capturar as minhas heresias. Que Deus os tenha. Conselho aos jovens pregadores: se vocês querem ser bem-sucedidos digam aos membros de suas igrejas o que eles desejam ouvir. Bom conselho é “não lançar pérolas aos porcos”. Ou, na

sua versão oriental, “nunca mostres teu poema a um não poeta”. O que eles desejam é ouvir a confirmação de suas velhas ideias. Eles amam as repetições e odeiam tudo o que perturba a sua paz. Existe um livrinho muito divertido que poderá ajudá-los na difícil tarefa de agradar a sua congregação. Infelizmente não foi traduzido para o português: *How to Be a Bishop Without Being Religious* [Como ser um bispo sem ser religioso]. Ali você encontrará os conselhos que o ajudarão a chegar a bispo. É um velho bispo metodista que dá conselhos ao seu jovem sobrinho que acaba de ser ordenado. Como é bem sabido, os bispos protestantes se casam. Um dos conselhos mais importantes refere-se à escolha da sua mulher: escolha uma mulher feia. Se for uma mulher bonita, a congregação começará a fazer fantasias sobre o bispo e sua mulher na cama, e isso não é bom para a sua vida espiritual. E é importante que vocês não sejam felizes. Porque um pastor feliz quererá gastar muito tempo com sua amada em atividades não religiosas, o que roubará o precioso tempo em que ele deveria estar preparando o sermão, consultando os textos originais em hebraico e grego e os comentários bíblicos.

Orgasmos nasais

Acometido por uma crise de espirros enquanto caminhava pela fazenda Santa Elisa, lembrei-me de um estudante que me confessou espirrar sempre que se sentia excitado sexualmente. Nos livros sobre erótica que li nunca vi referência alguma a esse curioso fenômeno. É bem possível que os espirrantes, envergonhados dessa anomalia e com medo de serem catalogados psicanaliticamente como “perversos”, tenham guardado o seu segredo. Para quem não sabe, ser “perverso” em psicanálise não quer dizer “malvado”. Do latim *perversus*, virado, ao contrário, feito contra o costume e a razão. Ter orgasmo com o nariz é uma perversão, não é normal. Quem sabe o Vaticano soltará uma encíclica condenando os espirros da mesma forma como condena os homossexuais e a camisinha? O fato é que o espirro muito se assemelha ao orgasmo. Começa com uma discreta cócega, a cócega cresce até estourar numa explosão cólica extremamente prazerosa seguida de alívio. O prazer se-

xual do espirro levou os antigos a inventar uma forma de ter orgasmos nasais artificialmente. Inventaram o rapé. O rapé era o Viagra nasal daqueles tempos: orgasmos nasais à vontade. Do francês *râper*, ralar, raspar. Rapé é fumo raspado, em pó. Houve tempos em que era elegante cheirar rapé, o pó preto. Vendiam-se caixinhas de prata, à semelhança das caixas de fósforo, verdadeiras joias. Dentro ia um pedaço de fumo. De um lado, um minúsculo ralador. Ralava-se o fumo na hora para se obter um cheiro de qualidade superior, da mesma forma como, para se obter um bom café, o grão tem de ser moído na hora. Qual era a maneira elegante para se cheirar rapé? Primeiro, fechava-se uma das mãos, na horizontal. Depois esticava-se o dedão firmemente para cima. Ao fazer isso aparece, na junção da mão com o braço, um oco, produzido pelo tendão esticado do dedo. Nesse oco se coloca o pó. Aproxima-se então o pó de uma das narinas, tendo a outra tampada com o dedo indicador da outra mão. Respira-se com força, o pó entra pela narina e o espirro vem para o prazer do espirrante. Ainda é possível comprar rapé nas tabacarias. Eu mesmo tenho uma latinha que me foi dada por um amigo. Quem sabe seria possível substituir o pó branco pelo pó negro? Espirro dá prazer sem fazer mal.

É preciso saber para passar no vestibular!

Minha neta estava lendo um lindo livro de biologia. Ah! Como a biologia é fascinante! A vida! Mas não havia entusiasmo no seu rosto. Nem nada que se parecesse com curiosidade. Era mais uma expressão de tédio. Sei o que é isso. Há textos que reduzem o leitor a uma panqueca que se arrasta pelo chão. Arrasta-se porque tem de ler mas não quer ler. É por causa desses textos que Barthes disse que a preguiça é parte essencial da experiência escolar. Perguntei o que ela estava lendo. Ela me mostrou um parágrafo com o dedo. Era isso que estava escrito: “Além da catalase, existem nos peroxissomos enzimas que participam da degradação de outras substâncias tóxicas, como o etanol e certos radicais livres. Células vegetais possuem glioxissomos, peroxissomos especializados e relacionados com a conversão das reservas de lipídios em carboidratos. O citosol

(ou hialoplasma) é um coloide... No citosol das células eucarióticas, existe um citoesqueleto constituído fundamentalmente por microfilamentos e microtúbulos, responsável pela ancoragem de organelos... Os microtúbulos têm paredes formadas por moléculas de tubulina...”. Encontrei ainda palavras que nunca lera: “retículo sarcoplasmático, complexo de Golgi, pinocitose, fagossomo, fragmoplasto, o padrão do axonema é constituído por 9+2, uma referência aos 9 pares de microtúbulos em torno de um par central”. Parece-me que essa última afirmação tem a ver com o rabo do espermatozoide, mas nesse momento os meus pensamentos já estavam tão confusos que não posso garantir. Não posso imaginar minha neta conversando sobre essas palavras com suas amigas ou seu namorado. Ele, eu acho, só vai se interessar pelo rabo do espermatozoide... Fico curioso: o que é que o professor que escreveu esse texto imaginava que os adolescentes iriam fazer com ele? Li esse texto para um erudito professor de biologia. Sua reação foi: “Não entendi nada...”.

Pocinhos do Rio Verde canhoneia Paris

Quem suspeitaria que Pocinhos do Rio Verde, um lugarzinho bucólico, com matas, riachos, pássaros, um dia ajudou a canhonear Paris? Mas não foi por virtude de matas, riachos e pássaros. Foi em virtude do que havia nas montanhas vulcânicas, um metal raro, zircônio, bom para produzir aço para canhões. Desde o início do século XX, o zircônio era exportado para a Alemanha. Na guerra de 1914-1918, a Alemanha construiu três canhões gigantesco, de 420 mm de calibre, capazes de lançar granadas a 100 quilômetros de distância: Paris! O primeiro canhão explodiu no primeiro tiro, matando sua guarnição. Mas os outros dois, apelidados de “Berta” (com certeza, três irmãs gêmeas, de mau gênio...), conseguiram o seu objetivo. Bombardearam Paris. Minha hipótese para a explosão da primeira irmã Berta é que seu aço era de má qualidade, sem zircônio de Pocinhos. Pocinhos, quem diria, lugarzinho tão pacífico, tem essa mancha negra no seu passado... Mas Deus já perdoou. Foi sem querer... Essas informações se encontram no livro *Memória da Companhia Geral das Minas* (Poços de Caldas, Alcoa Alumínio). Nesse livro se encontra uma

foto de Getúlio Vargas rodeado por pessoas importantes: todos vestidos em ternos de linho branco e calçados com sapatos brancos com ponta preta, lustrosa. O único urubu em meio a essas garças é um bispo... Afinal de contas: o que é que bispo tem a ver com mineração? Minas abençoadas produzem mais?

Sobre o tamanho

Se o maior fosse o melhor, o elefante seria o dono do circo.

Novo *slogan* político

Alguém escreveu num muro branco da Universidade do Porto, em Portugal, a sua exigência política: “Queremos mentiras novas!”. Quem o escreveu sabia das coisas. Sabia que seria inútil pedir o impossível: “Basta de mentiras!”. Na política, apenas as mentiras são possíveis. Mas ele já estava cansado das mentiras velhas, batidas, como piadas cujo fim já se conhece, que diariamente aparecem nos jornais. Mentiras velhas são um desrespeito à inteligência daqueles a quem são dirigidas. Que mintam, mas que respeitem a minha inteligência! Mintam usando a imaginação! Por isso escrevia, em nome da inteligência, do possível e do humor: “Queremos mentiras novas!”.

Os bichos vão para o céu?

Tenho um amigo que é pastor de uma comunidade protestante. Por favor, não confundir “protestante” com “evangélico”... Contou-me de uma velhinha solitária que tinha como seu único amigo um cãozinho. Ela o procurou aflita. Havia lido no livro de Apocalipse 22:15, que não entrarão no céu “os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras...”. Que os impuros, os assassinos, os idólatras não entrem no céu está muito certo. “Mas, reverendo”, ela dizia, “o meu cãozinho... A Bíblia está dizendo que o meu cãozinho não vai entrar no céu... Mas eu amo o meu cãozinho. O meu cãozinho me ama... O que será de mim

sem o meu cãozinho?” Aí eu pergunto aos senhores, teólogos, estudiosos dos mistérios divinos: há, no céu, um lugar para os cãesinhos? Sei qual será a sua resposta. “No céu não há lugar para cãesinhos porque cãesinhos não têm alma. Somente os humanos a têm.” Acho que, teologicamente, segundo a tradição, os senhores estão certos. Nas inúmeras telas que os artistas pintaram da bem-aventurança celestial, por mais que procurasse, nunca encontrei animal algum. Aves, às quais são Francisco pregou (por que pregar-lhes, se elas não têm alma?), peixes, símbolos de Jesus Cristo, vacas, jumentos e ovelhas, que adoraram o Menino Jesus no presépio, todos eles serão reduzidos a nada. Não ressuscitarão no último dia. O céu será um mundo de almas desencarnadas. Não haverá beijos nem abraços. Falta às almas a materialidade necessária para beijos e abraços. Os senhores já observaram que no Credo Apostólico a “alma” não é sequer mencionada? Lá se fala em “ressurreição da carne”. É a carne que está destinada à eternidade. A carne é o mais alto desejo de Deus. Tanto assim que Ele se tornou carne, encarnou-se. A esperança é a volta ao Paraíso, onde havia bichos de todos os tipos. Se Deus os criou é porque Deus os desejava e deseja. Um céu vazio de animais é um céu de um Deus que fracassou. Ao final, Ele não consegue trazer de novo à vida aquilo que criou no princípio. Não. Herege que sou, direi à velhinha: “Fique tranquila. O seu cãozinho estará eternamente ao seu lado... Não só o seu cãozinho como também gatos, girafas, macacos, peixes, tucanos, patos e gansos... Deus gosta de bichos. Os bichos o louvam melhor que os humanos. Se Ele gosta de bichos eles serão ressuscitados no último dia...”.

A arte da dança

Contarei o milagre mas não contarei os santos. Não lhes pedi permissão. Eram um lindo casal de brasileiros que faziam estudos avançados na Universidade de Lovaina, Bélgica. Convidaram-nos para uma recepção e lá foram eles elegantemente vestidos. Música. Danças. Dançavam eles no salão quando notaram que os outros casais paravam de dançar e formavam uma roda ao seu redor, todos a olhar para eles. Pensaram: devemos

estar dançando muito bem. Aí capricharam nos passos para não desapontar a plateia, até que a música terminou. Ao se aproximarem de um professor amigo, ele lhes disse com um divertido sorriso: “É a primeira vez que vejo um casal dançando o hino nacional da Bélgica...”.

Inspiração

O livro do Eclesiastes adverte: “Um último aviso: escrever livros e mais livros não tem limite. E o muito estudo é enfado da carne...”. Não obedeci. Escrevi muitos livros. É o jeito que tenho de brincar. Livros são brinquedos para o pensamento. De todos os que escrevi, acho que o que mais amo é *A menina e o pássaro encantado*. Escrevi para transformar uma dor em beleza. Eu ia me ausentar do Brasil por um período longo e a minha filha de 4 anos, a Raquel, estava inconsolável. As crianças têm uma sensibilidade especial. Sabem que toda ausência passageira é metáfora de uma ausência definitiva. Ela sofria e eu sofria com o sofrimento dela. Aí, de repente, veio a inspiração. Inspiração é quando a gente não sabe de onde a ideia vem. Na ciência é o contrário: é preciso explicar o caminho que se tomou para chegar à ideia. É esse caminho que tem o nome de método. Seguindo o mesmo caminho, qualquer outro cientista poderá chegar à mesma ideia. Na literatura é o contrário: o escritor não sabe de onde as ideias vêm. Portanto não se pode ensinar o caminho. Veja como Fernando Pessoa descreveu essa experiência: “Às vezes tenho ideias felizes, ideias subitamente felizes... Depois de escrever, leio... Por que escrevi isso? Onde fui buscar isso? De onde me veio isso? Isto é melhor do que eu...”. A ciência é a caça de um pássaro definido de antemão que, depois de apanhado, será preso numa gaiola de palavras. Mas a inspiração não é uma caça. A inspiração chega em momentos raros de distração. Picasso explicou o seu “método”: “Eu não procuro. Eu encontro...”. Ou seja, a inspiração não tem método: o pássaro pousa no nosso ombro, sem que o tivéssemos procurado e apenas nos espantamos de que ele seja assim tão bonito... Foi assim que me apareceu a estória *A menina e o pássaro encantado*. Nela, uma menina que não suportava a saudade, para impedir que seu pássaro voasse tratou de prendê-lo numa

gaiola. Resultado: o pássaro encantado deixou de ser encantado; perdeu as cores e esqueceu o canto. O pássaro só é encantado quando é livre. O sentido original da história era claro: era uma história para a minha filha e para mim cujo objetivo era transformar a dor em beleza. Mas aí aconteceu o inesperado: depois de publicado, os leitores passaram a ver sentidos novos que eu não havia visto: o livro começou a ser usado por terapeutas para lidar com casais em que cada um tentava engaiolar o outro. E estavam certos. Foi então que um amigo me disse: “Que linda história você escreveu sobre Deus!”. Espantei-me. “Sobre Deus? Qual?” “*A menina e o pássaro encantado*”, ele respondeu. Contestei: “Mas a história não é sobre Deus...”. Ao que ele me disse: “Pois eu pensei que o pássaro encantado era Deus, que as religiões aprisionam em gaiolas...”. Pode também ser... É impossível engaiolar o sentido.

Ele não existe

Eu e minha filha de 5 anos voltávamos do cinema. Tínhamos visto o *E.T.* Minha filha chorava convulsivamente. Nada a consolava. Em casa, depois do lanche, para consolá-la eu lhe disse: “Vamos ao jardim ver a estrelinha do E.T.”. Fomos. Mas o céu se cobriu de nuvens. Minha mágica não dera certo. Improvisei. Corri para trás de uma palmeira e gritei: “O E.T. está aqui! Venha ver!”. Ela ficou séria e disse: “Papai, não seja bobo. O E.T. não existe...”. Respondi: “Não existe? Então, por que é que você estava chorando?”. Ela respondeu: “Por isso mesmo, porque ele não existe...”.

Pensamentos-brinquedos

Pensamentos vagabundos são pensamentos que a gente pensa sem querer pensar, diferentes dos pensamentos que a gente pensa por precisar deles. Os pensamentos que a gente pensa por precisar deles andam sempre um atrás do outro como soldados em ordem unida. São ferramentas. Eles vêm quando a gente os chama. Os pensamentos vagabundos são como as nuvens que o vento leva, uma hora se parecem com um

cachimbo, o cachimbo vira um navio, o navio se transforma em elefante, o elefante vira flor... Coisa de poetas desocupados... São brinquedos. Eles vêm sem serem chamados. Guimarães Rosa relata que foi assim que lhe chegou o conto “A terceira margem do rio”. Ele ia andando distraído pela rua quando, repentinamente, o conto lhe veio pronto, como a bola chega às mãos do goleiro. Ele foi para casa e o escreveu. Quando alguém lê o que escrevemos e gosta é porque entrou no brinquedo...

Gaiola de prender ideias

Quando uma ideia boa me chegava eu a prendia na minha “gaiola de prender ideias”, um caderninho, na esperança de um dia transformá-la num artigo. Mas a quantidade de ideias que eu colocava na gaiola de prender ideias era muito maior que minha capacidade de escrever. Elas nunca iriam se transformar em literatura. Seriam condenadas ao esquecimento. Fiquei com dó delas. Resolvi então tirá-las da gaiola e soltá-las aos quatro ventos. Estão aí, neste livro...

Sobre o amar e o ouvir

Amamos não a pessoa que fala bonito, mas a pessoa que escuta bonito... A arte de amar e a arte de ouvir estão intimamente ligadas. Não é possível amar uma pessoa que não sabe ouvir. Os falantes que julgam que por sua fala bonita serão amados são uns tolos. Estão condenados à solidão. Quem só fala e não sabe ouvir é um chato... O ato de falar é um ato masculino. Fala é *falus*: algo que sai, se alonga e procura um orifício onde entrar, o ouvido... Já o ato de ouvir é feminino: o ouvido é um vazio que se permite ser penetrado. Não me entenda mal. Não disse que fala é coisa de homem e ouvir é coisa de mulher. Todos nós somos masculinos e femininos ao mesmo tempo. Xerazade, quando contava as histórias das 1.001 noites para o sultão, estava carinhosamente penetrando os vazios femininos do machão. E foi dessa escuta feminina do sultão que surgiu o amor. Não há amor que resista ao falatório.

Bernes

As férias podem ser perigosas porque elas nos expõem a experiências insólitas. Camus sabia disso e disse que viajava só pra ter medo. Pois uma coisa incomum me aconteceu nas últimas férias que jamais poderia ter acontecido em Campinas. Peguei um berne. Ou melhor, uma mosca varejeira me pegou. Pra quem não sabe, varejeira é uma mosca caipira parecida com as moscas urbanas, só que maior. Não querendo se ocupar com os incômodos da maternidade, ela põe seus ovos em carne viva, boi, cães, seres humanos. Assim ela garante o alimento da larva sem ter de se preocupar. (Há uma vespa que faz a mesma coisa. Caça uma aranha de abdômen gordo, leva-a para dentro de sua toca, imobiliza-a com um líquido paralisante, põe seus ovos sobre sua barriga e se manda, para nunca mais. Quando nascem as larvas, elas têm carne fresquinha à sua disposição, sem que a aranha possa fazer qualquer coisa...) A gente não sente quando a varejeira pousa na pele. Sente só quando ela enfia o ferrão e põe o ovo. Aí o ovo vai crescendo... Cceira. Ferroadas a intervalos. Espremer não adianta, porque o berne não é bobo, refugia-se no fundo da carne. Vai crescendo, engordando, na forma de um minivulcão com uma minicratera, respiradouro. Os homens do campo se valem de um artifício simples para extrair o berne. Colocam um pedaço de toucinho sobre o vulcanículo, preso com um esparadrapo. O berne fica sem ar, sufocado. Trata de procurar ar para não morrer. Vai para a superfície e entra dentro do toucinho. Aí é só tirar o esparadrapo que o berne está lá. Não sei direito o que acontece se o berne se desenvolver até o fim. Acho que ele se transforma em varejeira e sai voando. Tive calafrios ao pensar nisso. O berne me fez pensar que o mundo está cheio de varejeiras que nos injetam ovos que vão crescendo vida afora, dando ferroadas. Malditos bernes que não podem ser retirados com toucinho porque se alojam nos sentimentos e nas ideias. Tenho muitos bernes na minha alma, bernes que coçam e dão ferroadas. O problema é que eles, por oposição aos bernes da varejeira, não saem voando, gostam de permanecer bernes dentro da alma. Com o tempo, a gente até passa a gostar deles, em virtude de sua coceirinha. Ficam porque gostamos... Meu berne não saiu nem com

toucinho nem com espremeções. Precisei apelar para a ação de uma dermatologista que teve de fazer uma minicirurgia... Agora estou livre de ferroadas e coceiras.

Inveja

Ela estava muito feliz. A casa dos seus sonhos, que ela e o seu marido estavam construindo, ficou pronta. Queriam, agora, compartilhar a sua alegria com os amigos. Decidiram, então, fazer um dia de *open house*, “casa aberta”, para o qual todos os amigos seriam convidados. A alegria compartilhada fica maior. Foi o que ela me disse numa sessão de psicanálise. Eu me calei. Não tive coragem de falar. Na sessão seguinte ela estava mergulhada em profunda tristeza. Nada acontecera como o esperado. Os amigos não ficaram felizes. Os visitantes trataram de estragar a sua alegria. “Mas você não acha que aquela parede amarela teria ficado melhor se tivesse sido pintada de verde?” “Esse forno de *pizza*: meu primo fez um; no início foi uma festa, depois foi o esquecimento. O forno de *pizza* está lá na casa dele, sem uso...” “Aquela escada de madeira teria dado mais classe à sua casa se fosse de granito...” Foi assim que ela aprendeu a dura lição da inveja. Não pense que seus ditos amigos ficarão felizes com a sua felicidade. Eles tratarão de destruí-la.

Presente

A conversa rolou solta, navegando ao sabor das memórias de infância. Contou-me esse amigo que o presente que o seu pai recebeu quando completou 5 anos foi... uma enxada! Sim, uma enxada! Dirão os que nada entendem de poesia: “Mas que presente absurdo para se dar a uma criança!”. Não, foi um presente profundamente amoroso. O pai estava dizendo ao filho pequeno: “Você já pertence ao mundo dos grandes. Você já é nosso companheiro. Eu tenho uma enxada, seus tios têm enxadas, seu avô tem uma enxada. Nós trabalhamos no campo. E estamos felizes porque agora você é um de nós...”. Nas cerimônias de iniciação

era assim que se fazia: o candidato era declarado adulto dando-se-lhe um objeto que só os adultos podiam usar.

Parto no pilão

Contou-me também que, para o parto do seu pai, sua avó foi colocada assentada num pilão! Parto de cócoras, que agora voltou à moda. E o avô foi colocado a correr em volta da casa, enquanto o parto acontecia. Diziam que a corrida do marido ajudava a mulher parindo. Duvido. Mas tinha duas grandes virtudes: afastar o pai do quarto, porque ele só iria atrapalhar a ação da parteira. E propiciar uma descarga muscular para a sua ansiedade. Correr liberta energias represadas e tem um efeito tranquilizador...

Filosofia de jangadeiro

A Vilma Cloris de Carvalho, maravilhosa professora aposentada da Unicamp, a quem deveria ser conferido o título de “Professora Emérita”, vive em Recife e descobriu sua veia literária. Isso acontece com frequência: que as pessoas, livres dos deveres dos empregos, descubram universos novos... Um dos seus prazeres é caminhar pela praia, pela manhã. Ela me contou o seguinte: “Na minha caminhada, passo por uma praia de jangadeiros. É ali que eles trazem os seus peixes. Todos eles já fazem uso do telefone celular para se comunicar com a terra. Passei por um jangadeiro que falava ao celular. Curiosa, diminuí o passo para ouvir a conversa. Ele falava com uma mulher. Foi isso que ele disse: ‘Meu bem, quando estou com você, sou só seu. Quando estou com a minha mulher, sou só dela. Mas, quando estou no mar, não sou de ninguém’”.

O que a minha cadela pensa de mim

Meu nome é Lola. É assim que me chamam. Quando gritam o meu nome, sei que me querem perto deles. Psicologicamente posso ser definida como um animal incapaz de mentir ou fingir. Minha alma mora

na minha pele. Quando estou alegre, meu rabo abana por conta própria, independente da minha vontade. Quando a alegria é demais, dou umas mijadinhas. Quando estou triste, meu rabo e minha cabeça abaixam. Quando estou com sono, me esparramo no chão, do rabo ao focinho. Tudo se dependura: pele, orelhas, testa, olhos. Meu dono gosta de mim, embora fique bravo quando eu pulo para abraçá-lo e lhe dou uma lambida. O que é verdade para mim não é verdade para o meu dono. A alma dele não mora na pele. Ele mente. Ele finge. Nunca o vi dar uma mijadinha de felicidade. Talvez ele não seja suficientemente feliz para isso. Às vezes, eu estou deitada do jeito como descrevi e ele está assentado numa cadeira. Ele olha para mim de um jeito diferente. Não é alegria. Não é tranquilidade. Acho que é inveja. Ele gostaria de ser como eu sou, mas não tem coragem... Está morrendo de vontade de se esparramar também no chão frio, como eu. Mas não o faz. Fico a pensar: o que o impede? Acho que é vergonha. Os homens têm vergonha uns dos outros. Sou feliz porque não tenho vergonha e faço o que quero. Talvez essa seja a razão por que os homens gostam de ter *pets*: porque nos *pets* eles projetam uma felicidade que eles mesmos não têm. Diga-me o *pet* que você tem e eu saberei como é a sua alma. Os *pets* têm uma função terapêutica. Bem, eu sou uma cadela, e tudo o que disse foi de brincadeirinha. Porque eu mesma, na realidade, me contento em ser feliz. Não gasto tempo pensando essas coisas...

Definição

Para encerrar a conversa, a entrevistadora fez a última pergunta: “Como é que você se definiria?”. Éta pergunta impossível de ser respondida! Porque definir, como o próprio nome está dizendo, vem do latim *fnis*, fim. Definir é determinar os limites. Mas sei eu lá quais são os meus limites! Para respondê-la, eu teria de encontrar uma frase que não fosse definição, que apontasse para o sem limites. Aí eu me lembrei da frase que Robert Frost escolheu para sua lápide e disse que aquela era a definição de mim mesmo: “Ele teve um caso de amor com a vida”. Quero que essas sejam as palavras na minha lápide.